

MELEAGRO E A LINGUAGEM DAS FLORES.

TRADUÇÃO COMENTADA DE AP 4.1

MELEAGER AND THE LANGUAGE OF FLOWERS.

TRANSLATION AND COMMENTARY OF AP 4.1

Carlos A. Martins de Jesus¹

Resumo: *O presente artigo propõe uma tradução comentada do Proémio em dísticos elegíacos que, nos inícios do século I a.C., Meleagro de Gádara compôs com o intuito de apresentar a sua antologia pessoal do epigrama grego. Nesse texto profundamente efrástico, buscamos o sentido da metáfora global do entrelaçar de uma grinalda, onde cada flor (ou fruto) é símbolo de um poeta, bem como a discussão das espécies botânicas possíveis de identificar.*

Palavras-chave: Helenismo; Epigrama; Meleagro; Antologia Grega.

Abstract: *This paper proposes a translation and commentary of the Preface in elegiac couplets that, in the beginning of the first century BC, Meleager of Gadara composed as means of presentation of his personal anthology of Greek epigram. In such an ephrastic poem we search for the meaning of the global metaphor of the garland weaving, where each flower (or fruit) symbolizes a poet, as well as the understanding of the botanical species that can be identified.*

Keywords: Hellenism; Epigram; Meleager; Greek Anthology.

1. Introdução

A *Antologia Grega*, vulgarmente conhecida como *Antologia Palatina* devido ao principal manuscrito que no-la transmitiu, consiste nas edições modernas num vasto conjunto de epigramas em diversos metros, ainda que maioritariamente em dísticos elegíacos, organizado em 16 livros, e que perfaz a impressionante soma de mais de 4.000 componentes poéticos. Trata-se, inegavelmente, do maior florilégio poético em língua grega

¹ Pós-doutorando pela Fundação para a Ciência e Tecnologia e Investigador integrado da UI&D Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, da Universidade de Coimbra.

conservado, recolhendo poemas de um vastíssimo lapso temporal, que na realidade cobre todos os períodos tradicionais da cultura Grega (arcaico, clássico, helenístico e bizantino). Transmitida essencialmente por dois códices², o chamado *Palatinus* (*Palatinus Graecus* 23 + *Parisinus Graecus Suppl.* 384) do século X e o autógrafo do século XIV de Máximo Planudes (*Marcianus Graecus* 481), depende maioritariamente de uma antologia epigramática que não conservamos, organizada por Constantino Céfalas nos inícios do século X, a qual terá reproduzido, sem muitas alterações, o anónimo copista do *Palatinus*. Céfalas, que provavelmente foi protopapa de Constantinopla, teria recuperado um conjunto de florilégios anteriores do epigrama grego, recorrendo sobretudo aos de Meleagro (inícios do século I a.C.), Filipo (século I d.C.) e Agátias (século VI d.C.), aos quais acrescentou epigramas de outras fontes, organizados temática e alfabeticamente.

O presente artigo propõe uma tradução comentada do Proémio que o próprio Meleagro³, por volta de 90 a.C.⁴, escreveu como introdução à sua antologia pessoal do epigrama em língua grega, texto em 58 versos que nos aproxima das origens do próprio género editorial em causa, o da *anthologia* ou *florilegium*, consoante preferimos usar a designação de raiz grega ou latina. Pela primeira vez impresso por F. VAVASSEUR (*De Epigrammate*, 1669), o texto dispõe de diversas edições críticas e comentários, das quais há que destacar a de GOW-PAGE (1965, vol. 1, p. 214-216; vol. 2, p. 593-606). Contudo, semelhante panorama não é detetável em língua portuguesa⁵, em especial no que diz respeito à discussão do vasto léxico floral do poema, no qual o nome de 47 poetas (48, com o próprio Meleagro) é associado a um número muito próximo de flores, entrelaçadas todas elas numa só grinalda ficcional.

2 A *Planudea*, publicada pela primeira vez em 1494 por J. Láscaris em Florença, foi a única recensão da *Antologia Grega* conhecida durante séculos, até à cópia do *Palatinus* que em 1606 realizou Salmásio, mas que viria a ser publicada apenas em 1776 por Brunck (*Analecta Veterum Poetarum Graecorum*).

3 Pouca ou nenhuma informação, além da contida nos seus epigramas, nos é dado conhecer acerca de Melegaro, dito de Gádara (na Palestina), e que já maduro se fixou na ilha de Cós. Para a sua biografia, vejam-se OUVRE, 1894, p. 34-58, GOW-PAGE, 1965, vol. 1, p. xiv-xvi e GUTZWILLER, 1998, p. 276-277.

4 ARGENTIERI, 2007, p. 158, contra a opinião generalizada, estabelece o ano de 80 a.C. como *terminus post quem* para a elaboração da antologia.

5 O texto foi traduzido e comentado por AMARAL, 2009, p. 142-147, no âmbito de uma dissertação de Mestrado apresentada à Universidade de São Paulo. Não obstante, talvez porque o objetivo deste trabalho era a tradução e comentário de todos os epigramas atribuídos a Meleagro, as notas ao texto que nos importa são mínimas, além de raramente contemplarem a identificação das espécies vegetais referidas no poema.

2. Meleagro de Gádara e o epigrama

Parece remontar ao século IV a.C. o hábito de organizar antologias poéticas de um só autor – de que são exemplo as diversas *Simonídea* de que há notícia, com um conjunto de inscrições atribuídas ao poeta de Ceos, não necessariamente da sua lavra, muitas delas sequer contemporâneas. A prática ganharia um desenvolvimento mais evidente durante o século III a.C., quando os próprios poetas terão passado a organizar coletâneas das suas composições epigramáticas, que assim conseguiam maior divulgação – Ânite, Asclepiades, Calímaco ou Posidipo, são disso exemplos. A verdade é que o epigrama deixara, há um século pelo menos, de ter como funcionalidade exclusiva a sua inscrição na pedra. Chegados ao século III a.C., a sua vertente ficcional, com os mais diversos temas e propósitos, tinha já ascendido à categoria de género literário, cedo se transformando na forma poética de eleição para a maioria dos autores. Tanto que a reunião antológica de epigramas de diversos autores, como bem explica CAMERON, 1993, p. 4, mais do que uma opção, parece ter sido uma consequência inevitável.

Os estudiosos têm detetado, ao longo do século II d.C., um decréscimo no número de poetas conhecidos e mesmo na qualidade dos epigramas compostos. Com efeito, dos 47 poetas referidos por Meleagro no Proémio que nos ocupará, apenas três conseguem uma datação segura nesse século (Antípatro de Sídon, Fânias e Polístrato), e todos eles terão desenvolvido o grosso da sua atividade na segunda metade dessa centúria. Se o natural seria que Meleagro, ao selecionar os nomes que integrariam a sua antologia, incluísse um maior número de poetas contemporâneos ou mais recentes, a não verificação desta norma tem corretamente sido interpretada como sintoma do que já foi designado de crise do epigrama helenístico. Por outro lado – e não tão “ironicamente” como pretendia ARGENTIERI, 2007, p. 149 –, o mesmo século II a.C. assistiu ao desenvolvimento do género (mais editorial que poético) da antologia. Um conjunto de papiros decifrados parece conter fragmentos de florilégios epigramáticos, organizações de epigramas segundo o tema e a cronologia dos seus autores⁶, de forma que não mais cabe dizer com segurança que a coletânea de Meleagro foi a primeira obra com semelhantes propósitos editoriais.

6 Para a identificação, estudo e discussão destes papiros veja-se CAMERON, 1993, p. 6-12, GUTZWILLER, 1998, p. 20-36 e ARGENTIERI, 2007, p. 149-151. ARGENTIERI, *op. cit.*, considera, com razão, que dos diversos papiros identificados pelos estudiosos apenas o P. Köln V204 pode ser considerado uma antologia, de acordo com o duplo critério organizativo que definimos.

Não obstante, o trabalho de Meleagro terá sido um marco, um ponto de viragem já no tempo que foi o seu. Como bem defendeu CAMERON, 1993, p. 13-15, Meleagro redefiniu o próprio conceito de epigrama, associando-o praticamente em exclusivo ao metro elegíaco. No que deve ter sido uma recolha com grande número de cópias e ampla distribuição, a sua antologia teve uma durabilidade impressionante, ao ponto de ser conhecida por Céfalas, nos inícios do século X. Se levarmos em conta a edição de GOW-PAGE, 1965, conteria cerca de 750 epigramas, num total aproximado de 4.500 linhas. Mas os estudiosos há muito consideraram este número muito inferior ao que devia ser a estrutura original da obra, na medida em que, desde logo, não leva em conta um conjunto de composições identificadas no *Palatinus* como *adespota*, além dos componentes de autores pré-Helenísticos, naturalmente não incluídos na referida edição mas mencionados por Meleagro no Proémio; nomes como Arquíloco, Safo, Anacreonte, Baquírides, Platão ou Erina, a quem durante o Período Helenístico se atribuiu um conjunto de epigramas que circulavam em antologias independentes.

Com estas e outras contas em mente, CAMERON, 1993, p. 25-26⁷ considerou que a obra dificilmente conteria menos que 6.000 linhas, e que deveria originalmente organizar-se em quatro livros (i.e. rolos de papiro), cada um dos quais sabemos que poderia albergar uma média de 1.500 linhas⁸. Tal conclusão não colide necessariamente com o texto do epigrama de encerramento da *Antologia*, o qual conservamos em AP 12.257 (129 G-P):

Eu, a *coronis* que marca a volta derradeira,
 confiável guardiã das colunas escritas,
 declaro que, compilando numa só obra
 os poetas todos, e enrolando-os neste papiro,
 Meleagro terminou; e, para que sempre se recorde Diocles,
 com flores entrelaçou esta grinalda das Musas.
 Eu, bem enroscada como o dorso das serpentes,
 aqui estou, entronada, ao cabo do seu belo saber.

7 Vd. também GUTZWILLER, 1998, p. 277-278.

8 Estes deveriam mesmo estar organizados tematicamente, por géneros, sendo um deles de *erotica* (poemas hetero e homoeróticos, dos quais conservamos uma parcela nos atuais Livros 5 e 12 da *Antologia Grega*, respetivamente), *anathematica* (Livro 6), *epitymbia* (Livro 7) e *epideictica* (Livro 9).

O que em rigor o epigrama refere é compilação “numa só obra” (ἡθροισμένον εἰς ἓνα μόχθον) de “todos os poetas” (ἐκ πάντων... ὑμνοθετᾶν), enrolados “num papiro” (βύβλω τᾷδ’ ἐνελιζόμενον), em nenhum momento mencionando que se trata de um só rolo de papiro. Tal seria impossível, como prova o exemplo das *Argonáuticas* de Apolônio de Rodes (citado por CAMERON, 1993, p. 25-26), obra originalmente dividida também em quatro livros, o mais extenso dos quais (com 1.781 linhas) ainda conservamos. Retomando a imagem do entrelaçar de uma grinalda de flores poéticas (ἄνθει συμπλέξει μουσοπόλον στέφανον, v.6), o trunfo metafórico levado ao limite no Proémio, Meleagro volta a testá-la pela introdução da figura da *coronis*⁹ como ente enunciativo, ela que, à imagem da serpente que guardava a entrada do templo de Atena na Acrópole (cf. Ar., *Lys.* 759), guarda agora os dons sagrados das Musas que nessa antologia se reúnem, segundo relação oportunamente estabelecida por GUTZWILLER, 1998, p. 281¹⁰. A *Antologia* terminaria, portanto, com o regresso ao principal signo poético do seu início, no Proémio em verso que apresenta a obra editorial, a sua dedicatória e plano de edição.

3. Meleagro e a grinalda impossível: comentário a AP 4.1

Embora tal não seja identificado graficamente em nenhuma fonte manuscrita, já CLAES, 1975, p. 468-471 concluía que, depois do primeiro dístico no qual é invocada, é a Musa o locutor de todo o poema, o mesmo que, a ser assim, deve ser entendido como resposta muito desenvolvida às perguntas iniciais. Mesmo o último dístico, cuja enunciação costuma atribuir-se ao poeta-editor, faz sentido atribuí-lo à mesma entidade; a Musa, afinal, aconselha – mais do que dedica, porquanto a dedicatória foi antes feita a Diocles (vv. 3-4) – a antologia que está a apresentar aos seus “amigos” (φίλοις ἑμοῖσι, v. 57) e aos “iniciados” nos seus mistérios (μύσταις, v. 57), ou seja, a todos quantos cultivam ou simplesmente se deleitam com a arte da poesia.

9 A *coronis* era um sinal gráfico, de forma serpenteante, colocado no final da cópia de um texto num papiro.

10 BING, 1988, p. 34 estabeleceu outra relação, com o fr. 187 PMG de Simónides, no qual o termo grego κορωνίς designa uma grinalda de violetas. Assim sendo, e se essa imagem podia estar na mente de Meleagro, estaria em causa dar voz à *grinalda que entrelaça a grinalda*, da mesma forma que, em AP 5.143 (45 G-P), do mesmo Meleagro, Heliodora é dita a *grinalda da grinalda* (στεφάνου στέφανος, v. 2).

Programaticamente, os versos 3-56 consistem numa lista de 47 poetas anteriores ao compilador, desde Arquíloco (vv. 37-38) aos mais recentes, como Fânias (v. 54) ou Antípatro de Sídon (v. 42), ambos da segunda metade do século II a.C. Estes três exemplos bastariam para concluir que a listagem não é cronológica¹¹, nem tampouco se conseguiu ainda estabelecer um padrão infalível para a ordem em que são referidos. A outro nível, algumas incongruências podem detetar-se. De quatro dos poetas mencionados no Proémio não se conserva qualquer epigrama na *Antologia Grega* (Eufemo, Pártenis, Melanípides e Policleito), ao passo que outros quinze, dos quais sabemos o nome e conservamos epigramas, os mesmos que deveriam fazer parte da coletânea de Meleagro, não são aí referidos, pelo que há que incluí-los entre “os rebentos jovens de muitas outras [flores]” (ἄλλων τ’ ἔρνεα πολλὰ νεόγραφα)¹² do verso 55. Por outro lado, referem-se “muitos lírios de Mero” (πολλὰ δὲ Μοιροῦς λείρια, vv. 5-6), quando dessa poetisa do século III a.C., conhecida como “o Homero de Bizâncio”, conservamos apenas dois epigramas (AP 6.619, 689). Tudo isto se deve, claro está, ao caminho de transmissão da antologia original, desde a organização no século I a.C. até à sua reorganização por Céfalas, cerca de onze séculos depois.

Com o Proémio que nos ocupa – e é esse sem sombra de dúvida o seu maior valor proético – recuamos às próprias origens do termo *anthologia*, o correspondente grego do latino *florilegium*, com o sentido de recolha de excertos literários segundo um critério pré-estabelecido. Como se disse, todo o epigrama de abertura é construído sob a imagem de uma grinalda de flores/ poetas (ὕμνοθετῶν στέφανον, v. 2) que vai sendo entrelaçada (τεύξας, v. 2) por esse poeta-editor, como alegoricamente esclarece a Musa no verso 3¹³. Uma metáfora que não é, contudo, criação sua. Para dar apenas um exemplo, Antípatro (AP 7.14 = 11 G-P), num epigrama sobre Safo, refere-se à de Lesbos como “a que com auxílio de Persuasão entrelaça uma grinalda eterna das Piérides” (ἄς μετὰ Πειθῶ/ ἔπλεκ’ ἀείζων Πιερίδων στέφανον, vv. 3-4). Embora o termo ἀνθολογία, enquanto título dado a uma reunião de textos poéticos, não surja de forma explícita no

11 WALTZ, 1929, repr. 2002, p. 104 e n. 1 reparou na proximidade entre alguns poetas: Ânite, Mero e Safo (vv. 5-6), pouco depois seguidas de Nóssis (vv. 9-10) e Erina (v. 12), como um possível grupo de poetisas; Melanípides e Simónides (vv. 7-8), do século V a.C.; Eufóron e Dioscórides (vv. 23-24), de meados do séc. IV a.C.; Polístrato e Antípatro de Sídon (vv. 41-42) ou Teodóridas e Fânias (vv. 53-54), igualmente contemporâneos. Cf. GOW-PAGE, 1965, vol. 1, p. 594-595.

12 Para uma lista destes poetas, vd. ARGENTIARI, 2007, p. 148, n.4.

13 No mesmo sentido é construído o mais breve epigrama de abertura da *Antologia* de Filipo de Tessalónica (século I d.C.), confessadamente inspirado em Meleagro: “... entrelacei grinaldas/ pa-recidas às de Meleagro” (ἀντανέπλεξα/ τοῖς Μελεαγρείοις ὡς ἴκελον στεφάνοις, AP 4.2.3-4).

texto do Proémio¹⁴, ao longo do epigrama vamos encontrando uma série de formas verbais cuja função, além de quebrar o que facilmente seria uma enumeração monótona de poetas e respetivas flores, consiste em relembrar a metáfora iterativa de todo o poema, esse constante entrelaçar de flores (ἄνθη λέγειν) simbólico: e.g. τεύξας (v. 2), ἐμπλέξας (v. 5), πλέξας (v. 9), σύμπλεκτον (v. 18), ἐνέπλεκε (v. 20).

A imagem é de resto cara a Meleagro (o poeta), sobretudo no contexto erótico, segundo se depreende de outros epigramas conservados. Vimos já que ela regressa no epigrama final (AP 12.257 = 129 G-P), mas também em AP 5.143 (= 45 G-P); à medida que murcha a grinalda de Heliodora (a amada), ela mesma se destaca como grinalda que coroa a grinalda (αὐτὴ δ' ἐκλάμπει τοῦ στεφάνου στέφανος, v. 2). Contudo, são outros três os epigramas onde a metáfora que estamos a analisar mais é mais amplamente desenvolvida. Em AP 5.144 (= 31 G-P), Zenófila é descrita como uma violeta branca, “a flor das flores primaveris” (ἐν ἄνθεσιν ὄριμον ἄνθος, v. 3):

Já floresce a violeta branca, floresce o narciso que ama a chuva,
floresem as açucenas que habitam as montanhas.
Também ela desabrocha, a minha bem-amada, a flor das flores
primaveris, rosa delicada da Persuasão.
De que ris, prados, orgulhosos pelas cabeleiras brilhantes?
Esta moça é preferível a qualquer grinalda perfumada.

A violeta branca (λευκίον), predileta de Meleagro na medida em que a elige para símbolo da sua própria poesia (AP 4.1.56), é também imagem de Heliodora em AP 5.147 (= 46 G-P), epigrama onde uma outra grinalda de flores se entrelaça, a um ritmo frenético só permitido aos enamorados, visível pela repetição anafórica do futuro verbal πλέξω (vv. 1bis, 2, 3bis, 4), e com a finalidade única, no caso, de adornar e perfumar os cabelos da amada:

Entrelaçarei violeta branca, entrelaçarei com mirto
o delicado narciso, entrelaçarei sorridentes açucenas,
entrelaçarei o doce açafraão; entrelaçarei ainda o jacinto
cor de púrpura, entrelaçarei as rosas dos amantes;
e tudo para que, na testa de Heliodora de perfumados caracóis,
uma grinalda lhe derrame flores no cabelo bem entrançado.

14 CAMERON, 1993, p. 5 deteta-o primeiramente em Diogeniano (séc. II d.C.), onde ainda assim pode constituir a descrição de um lexicógrafo tardio e não o título exato da obra de Diogeniano.

Uma imagem também presente no atual Livro 12 da *Antologia Grega*, num epigrama que, na ordenação original de Meleagro, deveria fazer parte da mesma seqüência do anterior, em relação ao qual pretenderia estabelecer contraponto (AP 12.256 = 68 G-P):

Para ti, Cípris, urdiu Eros, recolhendo com a mão a flor
 viçosa de vários moços, uma grinalda que deleita a alma.
 Nela entrelaçou Diodoro, açucena delicada,
 nela também Asclepiádes, doce violeta branca.
 E claro, entrelaçou Heraclito, qual rosa entre espinhos,
 e Díon, quando florescia como a flor da videira;
 acrescentou Téron, açafraão de dourada cabeleira,
 e nela pôs também Ulíades, raminho de tomilho;
 Miisco de bela cabeleira recolheu, galho de oliveira
 sempre em flor, ramagem apeteçível da virtude.
 E agora a mais ditosa das ilhas, a sacra Tiro, um jardim
 perfumado possui, florido pelos rapazes de Cípris.

Celebrando os mais belos rapazes de Tiro, o epigrama poderia ter servido de próemio a algum trecho da antologia que recolhesse epigramas homoeróticos. Ambos, a “flor de vários moços” e o “canto” dos poetas selecionados, são ditos “viçosos” (πάγκαρπόν... παιδων άνθος, vv. 1-2; cf. πάγκαρπον άοιδάν, AP 4.1.1), no mínimo a prova de que Meleagro trabalhava, em ambos os casos, com um mesmo manancial simbólico. Mais ainda, e central para o que nos importa, o epigrama homoerótico procede à associação entre uma figura humana (um *eromenos*, no caso) e uma espécie de flor, como acontece com os poetas elencados no Próemio. Deve ter razão GUTZWILLER, 1998, p. 286, quando considera que estes três epigramas datam de um período anterior à elaboração da antologia, e que neles há que ver “a semente da qual brotou o conceito de ‘antologia’ enquanto grinalda de florir poético”.

Uma questão sempre aflorada por quantos se detiveram no texto do Próemio, mas para a qual nunca se encontrou resposta definitiva, tem que ver com o critério (se de fato ele existe) que seguiu Meleagro ao associar cada poeta a uma espécie de flor. Em primeiro lugar, não só flores são referidas; há também ramos e folhas de árvores ou arbustos (vv. 8, 14, 16, ?17, 18, 19, 21, 30, 39, 50), frutos ou bagas (vv. 15, 25, 27), espigas de milho (v. 34) e plantas odoríferas usadas sobretudo na elaboração de bálsamos e perfumes (vv. 26, 29, 42, 43). Independentemente da frequência destas

espécies na poesia grega conservada, Meleagro pretende uma grinalda que é, em si mesma, uma explosão de sensações, cores e aromas. São elegidas, regra geral, espécies comuns¹⁵, das quais seis surgem repetidas em AP 12.256 que acima traduzimos. Waltz (1929, repr. 2002: 104-105), na breve introdução que fez anteceder à tradução do Livro 4 da *Antologia Grega* para a coleção Budé, foi quem conseguiu estabelecer uma maior número de relações de sentido entre os poetas e as espécies que lhes são associadas: Mero, Ânite, Safo e Nósis são associadas às flores “mais elegantes” (vv. 5-6, 9); Calímaco e Polístrato a espécies que servem para entrançar a grinalda, nomeadamente o mirto (vv. 21-22) e a manjerona (v. 41); o pinho, o mesmo que coroava a cabeça dos vencedores no Istmo, a Mnascalas (v. 16), poeta heróico. Da mesma forma, pode haver relação entre os versos invetivos de Arquíloco e os espinhos do cardo que o simboliza (vv. 37-38), como entre as folhas da “palmeira que se eleva aos céus” e Arato¹⁶, poeta estudioso dos céus (vv. 49-50). Finalmente, o critério da proveniência geográfica dos poetas antologiadados parece ser também levado em conta em mais do que uma ocasião. Esse o caso óbvio da “hena fenícia” de Antípatro, natural de Sídon (v. 42), mas também de poetas como Perses (v. 26) ou Nicéneto (v. 29), – naturais, respetivamente, de Tebas e Samos (ou Abdera, o último) –, por isso mesmo associados a espécies exóticas. Na maioria dos casos, a relação de sentido deve vir expressa nos adjetivos e epítetos que acompanham cada espécie, do que deve ser exemplo o “açafão da cor das virgens” (παρθενόχρωτα κρόκον, v. 12) de Erina, aludindo à lendária morte prematura da poetisa, antes de casar¹⁷.

Não é tarefa fácil a identificação das espécies referidas, muito menos a sua tradução para uma língua com um léxico botânico tão rico e regionalmente diversificado como é o Português. Na maior parte dos casos, um mesmo termo grego designa, nos textos antigos conservados, mais do que uma planta, não necessariamente sequer da mesma espécie. Nem tampouco há que esperar de Meleagro a pretensão de rigor científico que lemos em autores como Teofrasto ou Dioscórides, autores que constituem, não obstante, a principal fonte de que dispomos para a identificação de cada espécie mencionada. Seja como for, o desconhecimento que nos assombra em

15 GOW-PAGE, 1965, vol. 2, p. 595 aponta como únicas exceções o páραλον (v. 20), o φλόξ (v. 51) e o κύανος (v. 54). Vejam-se as notas à tradução *ad loc*.

16 Sobre o caso particular de Arato de Solos, vd. ALMIRALL I SARDÀ, 1993, p. 55-62, para quem Meleagro devia ter em mente a proveniência geográfica do poeta, da Sicília, bem como a sua estadia na corte do rei Antíoco da Síria.

17 Cf. AP 7.11 (de Asclepiades), 9.190 (anónimo). Mais exemplos dos sentidos possíveis destes epítetos e adjetivos que caracterizam as espécies listadas podem ler-se nas notas à tradução.

relação à produção de muitos dos poetas elencados, bem assim a propósito dos sentidos que determinada espécie teria à época, obriga no mínimo a desconfiar que a relação não fosse arbitrária, que Meleagro tivesse, para todo e cada um dos casos, uma relação concreta em mente.

Contudo, num poema tão extenso e de estrutura tão repetitiva como o Proémio, seria também natural que uma ou outra planta fosse escolhida aleatoriamente, sendo a relação estabelecida *a posteriori*, por via da adjetivação que a acompanha. De outra forma, como explicar a inclusão de uma maçã-de-mel (v. 27), uma espiga de milho (v. 34) ou um nenúfar (v. 51) numa grinalda? Tem razão GOW-PAGE, 1965, vol. 2, p. 595 ao afirmar que não lhe causaria constrangimento que a sua grinalda “não pudesse ser usada nem por Diocles, para quem a construiu, nem por ninguém.” Meleagro buscava, isso sim, a explosão de sensações, o cúmulo de cores, formas e aromas implícitos. Um epigrama ricamente ecrástico que, nas artes plásticas, encontraria um paralelo à altura da sua expressividade (e do seu exagero, há que dizê-lo), não sem que passassem quase dezesseis séculos, em composições pictóricas como a *Primavera* ou o *Verão* de Arcimboldo.

4. Tradução e notas

Para a tradução do Proémio que em seguida apresentamos seguimos a edição crítica de GOW-PAGE, 1965, vol. 1, p. 214-216, assim como o ainda extenso comentário temático e linguístico ao texto dos mesmos autores (idem, vol. 2, p. 593-606). As notas dizem sobretudo respeito às espécies das plantas referidas por Meleagro, bem como a outros termos que possam iluminar o sentido da sua relação com o poeta ao qual foram emparelhadas. Demitimo-nos de proceder à explicação da biografia dos poetas mencionados – salvo quando isso tenha relação com a espécie natural ou de outro modo seja importante para a compreensão do poema. Para esta informação, aconselha-se o leitor a recorrer às introduções que para cada autor da *Grinalda de Meleagro* oferecem os mesmos GOW-PAGE, 1965, vol. 2.

– Musa amada: a quem levas este canto viçoso¹?
 Que homem teceu semelhante grinalda de poetas?
 – Foi Meleagro quem a fez, e para o ilustre Diocles²
 levou a bom porto esta oferenda da memória.
 Entrelaçou muitas açucenas³ de Ânite, e de Mero muitos

5

lírios⁴; de Safo, um punhado apenas – mas de rosas⁵;
 o narciso, fertilizado pelos hinos de Melanípides,
 e a videira fresca da vinha de Simónides;
 aqui e ali entrelaçou a bela e perfumada íris⁶ de Nóssis,
 para cujas tabuinhas derreteu a cera o próprio Eros; 10
 juntou-lhe o orégão⁷ de Riano, poeta de voz adocicada,
 o açafraão⁸ docinho de Erina, da cor das virgens,
 o jacinto de Alceu, que tem voz nas canções dos poetas⁹,
 e os ramos de loureiro¹⁰ de escura folha de Sâmio;
 também as bagas frescas¹¹ da hera de Leónidas 15
 e a coma do pinho¹² de aguçadas agulhas de Mnasalcas;
 cortou umas folhas do plátano¹³ retorcido [do canto] de Pânfilo
 e misturou-as com os rebentos da avelaneira¹⁴ de Pancrates,
 com o choupo de bela folhagem de Timnes, a verde hortelã¹⁵
 de Nícias e o eufórbio¹⁶ de Eufemo que cresce na praia; 20
 também juntou Damageto, violeta negra¹⁷, o doce mirto
 de Calímaco, sempre nutrido do seu severo mel,
 as rosas-silvestres¹⁸ de Eufóron e †a madressilva cara às Musas,†¹⁹
 esse poeta que dos filhos de Zeus recebe o seu nome²⁰.
 Com estas entrelaçou Hegesipo, cacho de uvas frenético, 25
 e um punhado do perfumado capim-limão²¹ de Perses,
 junto com uma maçã-de-mel²² colhida dos ramos de Diotimo,
 as primeiras flores da romãzeira²³ de Menécates,
 uns galhos da mirra²⁴ de Nicéneto, o terebinto²⁵ de Fanes
 e a pereira silvestre²⁶ que roça os céus de Símiás; 30
 também juntou aipo do Prado irrepreensível²⁷ de Parténis²⁸,
 do qual previamente colheu um punhado de flores,
 e – relíquias²⁹ de bela safra das Musas que gotejam mel –
 as loiras espigas da haste de milho de Baquílides;
 também Anacreonte e o seu canto lírico³⁰ da doçura 35
 do néctar, bouquet não semeado entre as elegias;
 e, da colheita da flor do cardo³¹ de encaracolada coma
 de Arquíloco, umas gotas apenas do seu oceano³²;
 a estas juntou rebentos frescos da oliveira de Alexandre
 e a flor da fava³³ de tons de púrpura de Policleito. 40
 Acrescentou manjerona³⁴, a flor dos versos de Polístrato,
 e a hena fenícia³⁵ bem recente de Antípatro;
 não deixou de lhe pôr o nardo Sírio³⁶ coroadado de espigas,
 esse poeta que celebramos como *dom de Hermes*³⁷!
 Há ainda as flores silvestres³⁸ de Posidipo e Hédiolo, 45
 e essas do Siciliano³⁹ que nascem dos sopros do vento⁴⁰;
 e (como não?), o galho sempre dourado do divino Platão⁴¹,
 aquele cuja virtude resplandece por toda a parte!
 Acrescentou ainda Arato, sabedor dos astros, da palmeira⁴²
 que se eleva aos céus colhendo os primeiros rebentos, 50

o nenúfar⁴³ de belas folhas de Querémom misturado com o aleli⁴⁴ de Fédimo, o *olho-de-boi*⁴⁵ bem torneado de Antágoras, o recém-florido tomilho que é bom companheiro de copos⁴⁶ de Teodóridas, as flores dos líoios⁴⁷ de Fânias e os rebentos jovens de muitas outras. E com todas elas misturou, 55 por fim, as precoces violetas brancas⁴⁸ da sua própria Musa. Aos meus amigos dedico esta oferenda; mas para os iniciados vai também esta grinalda coletiva do doce canto das Musas.

(1) O adjetivo πάγκαρπον (à letra “rico em toda a espécie de frutos”) não deve ter esse sentido literal. Embora a grinalda contenha frutos, eles surgem em minoria, pelo que preferimos a tradução “viçoso”. (2) Deve tratar-se de Diocles da Magnésia, autor de uma *História Breve dos Filósofos*, mais do que uma vez citado por Diógenes Laércio. (3) *Lilium candidum*, uma espécie de açucena. (4) O termo λείριον é em muitas ocasiões sinónimo de κρίνον (v. 5), designando também várias espécies de lírios. (5) A rosa é a flor das flores, dita em AP 5.144.3 – onde é imagem de Zenófila – “a flor das flores primaveris” (ἐν ἄνθεισιν ὄριμον ἄνθος). (6) Meleagro deve estar a aludir ao μύρον ἱρινον, perfume elaborado a partir das raízes da planta, das quais a melhor é a variante da Ilíria (cf. Thphr. HP 1.7.2, 9.7.3). Quanto à flor, deve tratar-se da *Iris florentina*, também ela uma espécie branca de lírio. (7) Também designado ἀμάρακον (v. 41), trata-se do *Origanum majorana*. Nos dois passos, Meleagro recorre a duas plantas a partir das quais se produzia perfume, mesmo que não tivesse clara a diferença entre ambas. Por isso traduzimos aqui “orégão”, e adiante “manjerona”, espécies que cabem sob a mesma designação grega. (8) *Crocus sativus*. O epíteto παρθενόχρωτα (“da cor das virgens”), podendo aludir à morte prematura da poetisa (vd. supra), pode também supor a espécie do κρόκος λευκός (“açafrão-branco”) referida por Teofrasto (HP 7.7.4). (9) Podendo estar implícita uma referência aos epigramas políticos de Alceu, ἀλήθρον ἐν ὑμνοπóλοις deve aludir à tradição de que as pétalas da flor continham inscrita a dor de Apolo pela perda do amado, porquanto nelas se poderia ler “AI, AI”. Teócrito (10.28) refere-se à flor como ἄ γραπτὰ ὑάκινθος. (10) O *Laurus nobilis*, cujas folhas, em AP 9.307 (de Filipo), são igualmente ditas escuras. (11) Um exemplo de fruto na grinalda. GOW-PAGE, 1965, vol. 2, p. 599 pensou que o adjetivo θαλεροῦς poderia aludir à produção prolífica de Leónidas, significando assim “vigoroso”. (12) Os ramos de pinho coroavam os vencedores Ístmicos, pelo que deve haver uma relação entre a espécie escolhida e o perfil de poeta heroico de Mnasalcas. (13) *Platanus orientalis*. (14) Das várias espécies mencionadas nos tratados de botânica gregos, todas elas cabem no género da *Corylus Avellana*. (15) Deve tratar-se da *Mentha aquatica*. Dioscórides (2.128) e Teofrasto (HP 6.6.2) referem a sua flor rosada, pelo que seria a mais adequada para usar em grinaldas. (16) Ambas as palavras da expressão ἀμμότροπον πάραλον constituem hapaxes, além de significarem algo semelhante (“junto ao mar”). Assumindo que seja a última o substantivo, tem-se admitido que se trata do eurfórbio (*Euphorbia paralias*), espécie nativa do sul de Europa que cresce sobretudo nas praias. (17) A violeta negra era a espécie da flor mais frequentemente referida entre os Gregos. Elemento recorrente nas descrições poéticas e em prosa da paisagem grega, revelou-se um rico expediente poético, intervindo na formação de epítetos, alguns deles já presentes na épica Homérica e depois

amplamente recuperados e renovados por todas as modalidades da poesia grega. Vd. MARTINS DE JESUS, 2009. (18) A *Lychnis coronaria*, provavelmente a espécie que Teofrasto (HP 6.8.3) diz ser adequada para grinaldas. (19) O texto do *Palatinus* é, neste ponto, corrupto (ἐν Μούσησιν ἄμεινον). Foram sugeridas as correções ἄμωμον (*Nepal cardamum*, *Amomum subulatum* – Thphr. HP 9.7.2) e κινάμωμον (*Cinnamomum cassia*), mas para ambas haveria que supor a sua utilização depois de secas, o que não parece quadrar com o resto do texto. Preferimos a solução de GOW-PAGE, 1965, vol. 2, p. 601 (εὔμωσον κυκλάμινον); se por um lado opta por uma flor fresca e aparentemente adequada para uma grinalda (*Lonicera caprifolium*, a madressilva), resolve o problema do sintagma ἐν Μούσησιν do manuscrito, ao corrigi-lo para um epíteto. (20) O poeta é Dioscórides, cujo nome deriva de Dioscuros (à letra, “os filhos de Zeus”). Cf. semelhante forma de nomear um poeta infra, v. 44. (21) O *Cymbopogon schoenanthus*, do qual Teofrasto (CP 6.18.1) menciona uma variedade muito odorífera originária da Síria. (22) *Pyrus praecox*, também conhecida como “maçã-de-verão” (cf. Diosc. 1.115.3), era o resultado do enxerto entre a macieira e o marmeleiro, constituindo assim mais uma espécie de fruto a formar parte da grinalda. (23) Teofrasto (HP 1.13.5) designa esta flor da romãzeira de κύτινος. (24) A *Balsamodendron myrrha*, espécie muito usada para fazer resina. Pese embora a referência seja às folhas dessa árvore, não deixa de ser mais uma notação olfativa da grinalda. (25) *Pistacia terebinthus*, como a anterior fonte de resina, que Teofrasto (HP 9.2.2) diz ser “muito perfumada e agradável ao cheiro”. (26) Deve estar em causa a flor (esbranquiçada e com androceus rosáceos) da *Pyrus amygdaliformis*, popularmente conhecida como “pereira-de-folhas-de-amendoeira”. Outra espécie possível, bastante semelhante à anterior, seria a *Pyrus bourgaeana*. (27) O adjetivo ἀμωμήτιοι (“irrepreensível”, “sem mácula”) deve referir-se à qualidade do poeta. (28) Não se conservam na *Antologia Grega* epigramas atribuídos a tal autor, nem este é referido por qualquer outra fonte. Não é sequer claro que se trate de um nome feminino ou masculino. (29) Ou seja, apenas uma parte (os epigramas a ele atribuídos) da vastíssima produção poética de Baquilides, de quem apenas em finais do século XIX se descobriram, num único papiro, mais de vinte composições praticamente completas. (30) Não significa isto que a antologia de Meleagro incluía composições em metro lírico. Dada a fama de poeta lírico de Anacreonte, o antologista sentiu necessidade de referir ditas composições, para só no verso seguinte mencionar as elegias a ele atribuídas (as composições que lhe interessavam), que deviam circular em antologias independentes desde cedo. (31) O termo ἄκανθα designava um vasto conjunto de plantas, arbustos e mesmo árvores com espinhos, o elemento que claramente simboliza poesia invetiva de Arquíloco. Deve, no caso, referir-se ao *Eryngium campestre* (cardo-de-palma), referido entre as flores do campo por Teócrito (1.132), cujas flores têm forma esférica (semelhante a uma cabeça) e estão rodeadas de espinhos. (32) Consciente da produção variada de Arquíloco, Meleagro refere uma vez mais ter apenas coligido uma pequena parte, os epigramas que lhe eram atribuídos. (33) Não se compreende bem o sentido da expressão πορφύρεον κύαμον, se de fato o verso se refere à fava. Não obstante, devem estar em causa as flores do arbusto que a produz, a *Vicia faba*, que podem ser brancas ou rosadas. O termo κύαμος também designa, em Teofrasto (HP 4.8.7), outra espécie completamente distinta, o assim chamado κύαμος Αἰγύπτιος, que deve corresponder à *Nelumbium speciosum* (vulgarmente a flor-de-lótus), que igualmente pode ser rosada. A correta identificação da espécie muito ganharia se soubéssemos algo acerca do

poeta à qual vem associada, Policleito, mas dele não conservamos qualquer composição ou referência antiga. (34) Vd. supra, nota (7). (35) A flor é escolhida pela proveniência geográfica de Antípatro, de Sidon, e por isso é dita φοινισσάν τε νέην κύπρον. Trata-se da *Lawsonia inermis*, arbusto com florescências brancas e de cujas folhas secas e tronco se extrai um colorante ainda hoje em dia muito usado na cultura árabe. O adjetivo νέην, aplicado à flor, deve aludir à antiguidade recente de Antípatro ao tempo de Meleagro, ele que estava ativo na segunda metade do século II a.C. (36) O *Nardostachys jatamansi*, que Dioscórides (1.7) esclarece denominar-se “Sírío” não por crescer na Síria, mas numa montanha virada para a Síria. (37) Como a propósito de Dioscórides (supra, vv. 23-24), o nome do poeta, Hermodoro, surge desdobrado numa perífrase. (38) GOW-PAGE, 1965, vol. 2, p. 604 sugere as papoilas, não mencionadas ainda no Proémio. Mas nada em concreto permite a sua identificação segura. (39) Asclepiades. (40) Desta feita, é a flor que vê desdobrado o seu nome: a anémone. (41) Como bem reparou GOW-PAGE, 1965, vol. 2, p. 604, o termo κλώνα (“galho”) sugere mais uma árvore ou arbusto do que uma flor. Parece-nos coerente a identificação já antiga de EINARSON, 1943, p. 260-261 com o *Sempervivum arboreum* (“saião”, em Português), uma planta com flor que Meleagro teria associado à teoria da imortalidade da alma e, segundo o autor, seria igualmente uma reminiscência, repetida noutras fontes, do “galho dourado” do livro VI da *Eneida*. Cf. também MICHELS, 1945, p. 59-63. (42) *Phoenix dactylifera*, que o poeta conheceria bem da sua Síria nativa. (43) O termo λωτός designa várias espécies, sendo as mais prováveis a *Nymphaea lotus* (nenúfar-branco) ou a *Trigonella foenum-graecum* (feno-grego). (44) O *Cheiranthus cheiri*, cujo forte aroma é destacado por Teofrasto (*HP* 6.6.2). (45) “Olho-de-boi”, em Português, é um nome popular dado à flor do *Leucanthemum* (ou *Chrysanthemum*) *vulgare* ou do *Leucanthemum sylvaticum*, mais conhecidas por malmequeres. Designa também a semente da *Mucuna urens*. A última, por tratar-se de uma planta trepadeira, seria à partida mais coincidente com o adjetivo εὔστροφος elegido por Meleagro, não fosse uma espécie encontrada principalmente em florestas de clima tropical, como no Caribe e em África. As duas primeiras, por outro lado, encontram relação com a descrição de Dioscórides (4.8.5), que dá como sinónimo de βούφθαλμον o termo χρυσάνθεμον. GOW-PAGE, 1965, vol. 2, p. 605 sugeriu, a título de hipótese, uma espécie de *Convolvulus*, e.g o *C. arvensis* (popularmente conhecida em Português como “corriola” ou “engatadeira”), ou mesmo o girassol, em grego dito ἡλιοτρόπιον. LAI, 1997, p. 119-124 analisou a referência de Meleagro a Antágoras, concluindo que o adjetivo εὔστροφος, à semelhança do que acontece com outros casos no Proémio, deve em simultâneo referir-se à planta e ao poeta. E recordava, a propósito, o sentido da expressão “língua bem torneada” (γλώσσα εὔστροφος) que encontramos em autores como Melézio (*de nat. hom.* 9) ou Gregorio de Nazianzo (*in patr. tac.* 35.936; *carm. de se ipso* 1411), que poderia assim aludir à capacidade desse poeta, anedoticamente confirmada, de se defender de ataques. Mais em concreto, o autor citado menciona a anedota segundo a qual Antágoras, estando em Tebas para uma leitura da sua *Tebaida*, perante o público que se aborrecia e abandonava a sala, fechou o livro e disse: “com justiça vos chamam Beócios, pois tendes orelhas de boi” (Max. Conf. 15.580; Apost. 5.13 = Arsen. 13.28; *Gnom. Vat.* 109). (46) Não temos notícia de que o tomilho (*Thymus sibthorpii* ou *Thymus atticus*) fosse usado como tempero do vinho, pelo que o epíteto φιλάκητων deve referir-se ao seu uso nas grinaldas do simpósio, informação confirmada por Dioscórides (3.38), que designa a

variante cultivável da planta de στεφανωματικός. (47) Não é possível uma identificação segura da espécie implícita no termo κνάνος, que parece apenas aludir à cor azul. Plínio (NH 21.48) fala do *cyanus* como um dos elementos muito usados em grinaldas. Tem-se sugerido a *Centaurea cyanus* (em Português “centáurea” ou “lóio”), uma pequena planta de flor azulada nativa da Europa e conhecida, em algumas línguas, como “mirtilo-dos-campos” (embora não produza qualquer fruto). (48) A flor que simboliza a arte poética do autor-editor surge noutros epigramas seus, acima traduzidos (AP 5.144.1, 5.147.1). Pode tratar-se da *Galanthus nivalis* (em inglês “snowdrop”) ou da *Matthiola incana* (o “goivo”). A primeira hipótese parece-nos preferível, posto que se trata de uma planta de florescência precoce, como implícito na adjetivação de Meleagro e no testemunho de Teofrasto (HP 6.8.1). De alguma maneira, poderia isto significar que Meleagro incluía composições suas de juventude ou, no mínimo, prévias à organização da antologia.

BIBLIOGRAFIA

- ALMIRALL I SARDÀ, J., El elogio de Arato de Solos por Meleagro (AP IV 1.49 s.). *Myrtia*, n.º 8, p. 55-62, 1993.
- AMARAL, Flávia Vasconsellos, *A guirlanda de sua Guirlanda. Epigramas de Meleagro de Gadara: tradução e estudo*. Diss. Mestrado. São Paulo, 2009.
- ARGENTIERI, L, Meleager and Philip as Epigram Collectors. In: BING, P.; BRUSS, J. S. (Orgs.), *Brill's Companion to Hellenistic Epigram Down to Philip*. Leiden: Brill, 2007, p. 147-64.
- BING, P. *The Well-Read Muse: Present and Past in Callimachus and the Hellenistic Poets*. Göttingen: Vandenhoeck and Ruprecht, 1988.
- CAMERON, A., *The Greek Anthology from Meleager to Planudes*. Oxford: Oxford University Press, 1993.
- CLAES, P., Encore la couronne de Méléagre. *Maia*, n.º 27, 1975, p. 45.
- EINARSON, B. S., Plato in Meleager's Garland. *Classical Philology*, n.º 38, 1943, p. 260-261.
- GOW, A. S. F.; PAGE, D. L., *The Greek Anthology. Hellenistic Epigrams*. Vol. I Introduction, text, and indexes of sources and epigrammatists; Vol. II Commentary and indexes. Cambridge: Cambridge University Press, 1965.
- GUTZWILLER, K., *Poetic Garlands. Hellenistic Epigrams in Context*. Berkeley, Los Angeles: University of California Press, 1998.
- LAI, A., Antagora di Rodi e l' 'eustrophon omma boos' nel proemio dell *Corona di Meleagro*. *Quaderni Urbinati di Cultura Classica*, n.º 56, 1997, p. 119-124.
- MARTINS DE JESUS, C., Grinaldas de violetas: epítetos derivados de -io

(violeta) e suas valências semânticas na poesia grega. *Humanitas* n.º 61, 2009, p. 31-57.

MICHELS, A. K., The golden bough of Plato, *American Journal of Philology*, n.º 66, vol. 1, 1945, p. 59-63.

OUVRE, H., *Méléagre de Gadara*, Paris: Hachette, 1894

WALTZ, P. *Anthologie Grècque. Tome I. Anthologie Palatine livres I-IV*. Paris: Les Belles Lettres, 1929, repr. 2002.

Recebido em: 06/09/2015. Aceito em: 30/10/2015.